

O USO DE WEBQUESTS COMO FERRAMENTA NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

PAULA, Dirceu José de¹
Secretaria de Estado da Educação do Paraná

RESUMO: O uso de recursos tecnológicos pode ser uma ferramenta interessante no processo de ensino e aprendizagem desde que ambos, professores e alunos, saibam como utilizá-los. As tecnologias promovem o acesso instantâneo a diferentes tipos de textos e ao uso da língua em diferentes contextos. *Webquests* são ferramentas interessantes porque elas são uma metodologia orientada de pesquisa na internet, as quais podem guiar os alunos nas pesquisas que precisam fazer. Assim, o objetivo deste artigo é mostrar o uso de *webquests* como uma forma de conhecer o perfil e a atuação dos alunos por meio da observação de suas *performances* quando em contato com essa metodologia e também com esse tipo de materiais didáticos.

Palavras-chave: Tecnologia, materiais didáticos, ensino de língua estrangeira.

Abstract: The use of technology resources may be an interesting tool in the process of teaching and learning a language since both the teacher and the students know how to use them. They promote the instant access to different kinds of texts and the use of the language in different contexts. Webquests are interesting tools because they are a kind guided methodology through the use of internet which may lead students into the research they are supposed to make. So, the aim of this article is to show the use of webquests as a way of knowing the students' profile and performance when in touch with this methodology and the didactic material as well.

Key-words: Technology, didactic materials, foreign language teaching.

¹ Professor PDE/PR (Programa de Desenvolvimento Educacional do estado do Paraná em parceria com a UFPR) e docente da disciplina de Língua Estrangeira Moderna: Inglês - no Colégio Estadual Miguel Franco Filho – Contenda – Pr. E-mail: dirceujp@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo abordar o uso da tecnologia como uma ferramenta disponível a professores e alunos no ensino e na aprendizagem de língua estrangeira (doravante LE). Visando delimitar o tema, a produção tem como foco o uso de *WebQuest* (WQ), aqui entendida como uma metodologia de pesquisa na internet, voltada aos usos da *Web* nos processos educacionais. Tal metodologia pode ser extensiva à produção de materiais didáticos para a disciplina de LE.

O contexto que desencadeou esta produção foi minha atuação como professor de Inglês como Língua Estrangeira na educação pública do estado do Paraná, bem como a minha participação, nos anos de 2007 e 2008, do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), uma política educacional de formação continuada voltada aos professores da Educação Básica na rede pública de ensino deste estado.

Trata-se de um programa implantado pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED/PR) em parceria com as Instituições de Ensino Superior públicas (IES) deste estado e objetiva proporcionar subsídios teórico-metodológicos aos docentes com vistas ao desenvolvimento de ações educacionais informadas e ao redimensionamento de suas práticas em sala de aula. O programa foi organizado em três grandes eixos: proposta de estudo, com carga horária que prevê encontros presenciais, nas IES, e estudos orientados à distância; elaboração de material(s) didático(s) para uso em sala de aula e coordenação de Grupo(s) de Trabalho em Rede (GTR), pelo professor PDE, espaço onde ele socializa sua pesquisa e fomenta discussões e estudos com seus colegas de área. No final do período, os professores inscritos concluintes do GTR são certificados e podem avançar de nível no plano de carreira. O PDE atende, anualmente, cerca de um mil e duzentos (1200) professores do quadro Próprio do Magistério (QPM) das diferentes áreas do conhecimento e pedagogos que se encontram no nível II, classe 11, da tabela de vencimentos².

² Maiores informações sobre o programa podem ser visualizadas no sítio: <<http://www.pde.pr.gov.br/modules/noticias/>>. Acesso em: 25 nov. 2008.

A minha opção por um trabalho desta natureza deve-se ao fato de que, enquanto docente, sinto a necessidade de estar sempre me atualizando. Reconheço a importância dos investimentos que têm sido feitos pelo poder público deste estado na formação continuada dos docentes. O PDE é um exemplo disso. Porém, os programas de capacitação geralmente são mais genéricos, voltados a um contingente maior de professores e profissionais da educação e atendem a interesses mais coletivos para respeitar a igualdade de tratamento às diferentes áreas do conhecimento. Já, no contexto de cada educador, as dificuldades e/ou necessidades são, por vezes, mais específicas. Ademais, em sala de aula, percebo o quanto ainda tenho que me aprimorar no uso de outras ferramentas que auxiliem no ensino e na aprendizagem de língua inglesa na Educação Básica, contexto em que atuo. Percebo que apenas a utilização de recursos como quadro, giz, retroprojetores, toca CDs e DVDs, recursos esses de uso mais contínuo nas aulas de LE, embora de grande valia, tornaram-se insuficientes e pouco atrativos para uma geração que convive e interage simultaneamente, em grau maior ou menor, com outros diferentes recursos tecnológicos. Aliás, a questão do acesso a esses recursos por grande parte dos alunos e professores será retomada em mais detalhe mais adiante.

Assim, ao se pensar nos recursos disponíveis, é necessário considerar, também, a necessidade de outros materiais didáticos alternativos voltados ao ensino de LE, além daqueles que o professor normalmente dispõe em sala de aula: reproduções, em número reduzido, para uso durante as aulas; cópias mimeografadas ou textos para serem passados no quadro e copiados pelos alunos. Até porque muitas vezes outros equipamentos podem estar disponíveis, mas a falta de capacitação para que o coletivo dos professores aprenda como utilizá-los traz o risco de os tornarem inócuos.

No contexto atual das escolas públicas paranaenses, muitos dos estabelecimentos de ensino já dispõem de um laboratório de informática, com acesso a internet, para uso dos professores e alunos. Além disso, o projeto TV Pendrive³ está sendo implantado pela Secretaria de Educação com o objetivo

³ A TV Pendrive é aparelhos televisor de 29 polegadas com entradas para VHS, DVD, cartão de memória e pendrive e saídas para caixas de som e projetor multimídia, instalados nas salas de aula. O projeto inclui a distribuição de um dispositivo *pendrive* 2G aos professores da rede

de integrar as mídias aos usos educacionais por meio da instalação de aparelhos de TV multimídias em todas as salas de aulas das escolas públicas do estado.

Equipamentos como esses permitem ao professor trabalhar seus conteúdos de maneira diferenciada e, para isso, ele poderá produzir seu próprio material. Isso, a meu ver, representa um grande avanço no sistema educacional pois demanda mudanças de paradigmas nos papéis tanto do professor quanto do aluno. Ao professor, tal postura o coloca como agente do conhecimento por meio de seus próprios materiais e traz grandes vantagens para a educação uma vez que permite a flexibilização dos conteúdos de modo a contemplar as especificidades de cada contexto escolar, os interesses dos educandos e a utilização de outras tecnologias, possibilidades essas nem sempre encontradas em materiais como livros didáticos. Do aluno, requer uma atitude mais ativa na medida em que tais recursos o incentivam a pesquisa, seleção e tratamento das informações pesquisadas e ao questionamento uma vez que há um deslocamento das tradicionais cópias para a elaboração de respostas e de produção de conhecimento por parte deles.

Portanto, uma pergunta chave deste trabalho seria: a) Em que medida o uso de Webquest pode ser uma estratégia para melhor conhecer o perfil do aluno que nos parece tão distante do “aprender”?

Para responder a essa indagação, não pretendo apresentar dados quantitativos nem discorrer em uma análise minuciosa dos dados obtidos. Apresento considerações a respeito das minhas impressões percebidas na atuação dos alunos durante o decorrer das atividades. Para isso, levarei em conta o contexto histórico em se insere o ensino de línguas neste estado, o papel da língua inglesa no mundo globalizado e as Diretrizes Curriculares para o Ensino de Língua Estrangeira Moderna do Estado do Paraná (doravante DCE)⁴.

para o uso arquivamento de materiais diferenciados e exploração por meio das TVs. Para maiores esclarecimentos, visite o sítio: <<http://www.diaadia.pr.gov.br/tvpendrive/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=4>>. Acesso em 26 nov. 2008.

⁴ Documento orientador das propostas pedagógicas de ensino e do currículo para as escolas do Estado do Paraná. Disponível

O corpus do trabalho é composto por uma *Webquest* que foi produzida como sistematização das discussões e sugestões realizadas com os professores cursistas no Grupo de Trabalho em Rede (GTR). O material foi aplicado em uma turma composta por quarenta e seis alunos de terceira série do Ensino Médio do estabelecimento onde atuo. Para a análise de dados será apresentada uma transposição didática das atividades realizadas em sala.

Portanto, na perspectiva do tema *Webquest*, este trabalho elege o uso de outras ferramentas, especificamente do computador e da internet como aliadas no ensino de inglês. Para isso, na seqüência serão examinadas algumas das implicações de tais escolhas no contexto educacional.

Para tanto, o presente texto está estruturado da seguinte forma: na primeira parte, apresento algumas considerações sobre o ensino de LE e faço o recorte de alguns conceitos das DCE enquanto documento norteador que considero relevantes a este trabalho. Na segunda, abordo o uso da tecnologia em sala de aula, a veiculação em tempo real de discursos e o papel da disciplina na desconstrução de tais discursos. Na terceira, apresento considerações sobre o uso de *webquests* enquanto material didático e a transposição didática de uma *webquest* e, finalmente, nas considerações finais onde mostro alguns dos aspectos observados que considero relevantes para a aplicação deste material.

1- AS DCE E O ENSINO DE LE NO ESTADO DO PARANÁ

Ao tomar as Diretrizes Curriculares enquanto documento norteador e ponto de partida, não pretendo fazer uma análise exaustiva do documento. Pelo contrário, apresentarei o recorte de alguns conceitos como: concepção de língua e de texto e objetivos de ensino propostos nas orientações. Entendo que tais conceitos são fundamentais na sustentação de algumas escolhas que foram feitas nesse artigo, bem como na definição dos encaminhamentos metodológicos no trabalho aqui proposto.

Didaticamente, início com a exposição dos recortes com a concepção de língua. Na visão defendida, *“toda língua é uma construção histórica e cultural em constante transformação. Como princípio social e dinâmico, a língua não se limita a uma visão sistêmica e estrutural do código lingüístico: é heterogênea, ideológica e opaca”*. (DCE, p. 29). Assim, *“[a] língua concebida como discurso, não como estrutura ou código a ser decifrado, constrói significados e não apenas os transmite”*. (DCE, p. 30). Tal conceito traz implicações, a meu ver, positivas para o ensino de LE se o trabalho em sala der conta de explorar a língua enquanto construção de significados. E, uma postura como essa demanda, também, uma ruptura com o modelo tradicional das atividades com foco na estrutura e fora de um contexto.

Coerentemente com a concepção de língua, o documento aponta o texto como princípio gerador de unidades temáticas a serem exploradas no trabalho em sala de aula, bem como das práticas linguístico-discursivas (leitura, oralidade e escrita). Portanto, *“o texto, entendido como uma unidade de sentido, no qual todos os elementos interligados vão constituir a unidade de sentidos, pode ser oral, escrito, verbal e não-verbal”* (DCE, p. 34). O pressuposto implícito em uma visão como essa é o de que ele é o espaço para a discussão de assuntos relevantes à formação dos educandos na ótica de um desenvolvimento intercultural baseado em um modo de pensar e agir críticos, os quais podem ser perceptíveis por meio de práticas de respeito às diversas culturas, crenças e valores.

E, no ensino a partir do texto, espera-se que o sujeito leitor abandone uma posição de passividade, como numa concepção tradicional de leitura apenas como extração de informação, e passe a interagir com o texto. Para isso, é necessário que ele assuma uma postura de questionamento diante dos textos com vistas a identificar os interesses representados, os pressupostos subjacentes e as implicações de tais pressupostos. Isso porque só a presença, nas aulas de língua estrangeira, de textos presentes na mídia nacional e internacional, bem como os textos que circulam na internet, e que abordem assuntos contemporâneos, sem uma postura ativa e de questionamento, seguramente não será o suficiente para a formação do sujeito que se espera.

Visto dessa forma, destaca-se a importância de um trabalho que contemple os mais variados gêneros discursivos. Com isso, contempla-se um maior número de variantes lingüísticas e o caráter de dinamicidade da língua num contexto maior de enunciações concretas.

Diante do que vem sendo exposto, requer um olhar no que diz respeito aos objetivos de ensino de LE. De acordo com as DCE, *“um dos objetivos da disciplina de Língua Estrangeira é que os envolvidos no processo pedagógico façam uso da língua que estão aprendendo em situações significativas, relevantes; isto é, que não se limitem ao exercício de uma mera prática de formas lingüísticas descontextualizadas”* (DCE, p. 32).

1- O PAPEL DA DISCIPLINA DIANTE DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS PRESENTES NA SALA DE AULA

Na busca de utilizar a tecnologia como uma aliada no ensino de LE, é necessário levar em conta as possibilidades de acesso aos mais diferentes tipos de textos que o uso de ferramentas como computador e internet permite. E o mais importante: são enunciações concretas que circulam em tempo real aos quatro cantos do planeta. Com isso, é impossível negar a dinamicidade em que o mundo se transforma. E o espantoso é, como afirma Moita Lopes (2003, p. 34-35) que,

“... fomos repentinamente invadidos dentro de nossas casas por uma série de discursos simultaneamente produzidos, em várias partes do mundo, que possibilitam experienciar a vida de forma nunca antes vivida, por meio das TVs regulares e a cabo, das redes de tipo da Internet, dos canais de comunicação via satélite, dos jornais, livros, revistas etc., tornando possível essa grande reflexividade que vivemos, em um mundo mediado por múltiplos meios semióticos.”

É nesse contexto que estamos todos inseridos, alunos e professores. Os recursos tecnológicos, sobretudo o uso do computador, têm revolucionado o cotidiano das pessoas na atualidade e permeado as esferas de atuação humana. Se por um lado é necessário estar atento ao “perigo do discurso único, do discurso global que atravessa o mundo em tempo real, tornando as

massas mais facilmente manipuláveis” (MOITA LOPES, 2003, p. 35), por outro, cabe a escola, dentro de suas possibilidades, superar apenas o uso do giz e do tradicional quadro-negro ao utilizar em sala de aula os recursos tecnológicos de que dispõe, de modo que as aulas sejam mais significativas para o aluno, bem como o papel da desconstrução das formas de discursos globais. Nessa perspectiva, o professor de inglês exerce um papel fundamental, uma vez que geralmente os discursos são produzidos nesse idioma e os textos que circulam na internet e na mídia internacional são escritos em inglês. É importante lembrar que os professores das demais áreas exercem, também, um papel fundamental nessa atribuição.

Considerando as possibilidades de acessos aos mais diferentes tipos de textos, hipertextos e informações possibilitados pela internet, a exploração das potencialidades desse novo meio (computador e acesso a internet) como ambiente motivador de aprendizagem se apresenta como um desafio aos profissionais da educação, na promoção de uma educação de maior qualidade. O uso inadequado dessas ferramentas pode torná-las um espaço dispersivo e inútil de coleta de dados, ou fazer com que as aulas tenham um caráter instrucional, seguindo o formato daquelas propostas em um curso de informática. Requer, também, que ao utilizar as tecnologias, o professor esteja atento para não correr o risco de perder o foco da função educacional de sua disciplina em detrimento do uso operacional da máquina.

Entretanto, o uso da internet pode ser antagônico. Devido ao fato de ela ser um espaço livre, ela exige que seus usuários a utilizem com um olhar crítico cauteloso, tanto no que diz respeito à confiabilidade das informações quanto aos “riscos” de contaminação por vírus da máquina em uso, que muitos sítios podem oferecer. Da mesma forma, muitas vezes tais usuários se sentem perdidos no meio de um grande volume e variedade de informações em circulação nesse meio. Outro ponto que merece destaque é que a disponibilidade de informações por si só não garante conhecimento pois há a necessidade de se saber (ou ser orientado) tratar com ela.

Aliado a questões como essas, cabe mencionar que o curto espaço de tempo que as informações permanecem disponíveis exige do pesquisador um

conhecimento de formas rápidas de armazenar, consultar e contrastar os dados obtidos. Tal fato gera mudanças nas práticas de leitura e de letramento. No que diz respeito à leitura, é necessário que o pesquisador supere o modo tradicional centrado na compreensão pontual do conteúdo do texto, como se o significado estivesse latente nas informações lidas, e adote uma postura de questionamento dos interesses representados no texto e dos pressupostos a eles subjacentes. Trata-se de uma leitura como atribuição de sentidos. A sociedade está exposta aos mais diferentes tipos de textos e hipertextos que extrapolam a letra, isto é, uma interação entre som, imagens, cores e design, bem como aos diferentes tipos de linguagem onde os traços característicos da fala se misturam no registro escrito. Isso requer novas práticas de letramento, aqui entendidas como o conhecimento, ou o saber usar essas inovações.

Outro fator a ser considerado é o tratamento dado às informações pesquisadas, tanto por parte do aluno quanto por parte do professor. Segundo Hardagh (2007, p. 140), o uso de recursos como a internet e hipertextos⁵ facilita a vida do aluno no sentido que, através do manuseio do *mouse* e do clique nas teclas CTRL+C e CTRL+V ele pode fazer uma pesquisa. O ponto frágil de uma situação como essa é que se corre o risco de o aluno realizar a tarefa solicitada pelo professor sem que sequer tenha lido o conteúdo pesquisado. Ao analisar a situação, a autora afirma que as cópias de trechos de livros e enciclopédias, antes feitas em papel almaço, hoje podem ser feitas por meio do acesso em *sites* onde a pesquisa está pronta. Segundo ela, o professor tem duas alternativas: exigir que os alunos não entreguem as pesquisas por meio de textos digitados ou aprender a usar os benefícios que o ambiente virtual pode oferecer. Portanto, para se evitar a ocorrência de situações como a apontada, é necessário que as atividades propostas demandem do aluno uma interação com o conteúdo por meio do posicionamento que ele assume diante do conhecimento que adquiriu.

⁵ Aqui entendidos por textos que possibilitam múltiplas seqüências de leitura, a exemplo a rede mundial de computadores (www), e que por meio dos chamados *links* ou *hyperlinks* fazem referências para outros pontos do mesmo documento ou de outros documentos, e que são mais bem lidos em uma tela interativa.

Somando-se aos pontos até aqui levantados, é importante ressaltar que o uso de hipertexto mudou também nossa maneira de ler, escrever e buscar informações. De acordo com Marcuschi (2001, p. 79), pela sua natureza não-sequencial e não-linear, o hipertexto afeta não somente a maneira como lemos, uma vez que ele possibilita múltiplas entradas e múltiplas formas de prosseguir, mas também o modo como escrevemos. Em outras palavras, é o leitor quem escolhe o caminho e o direcionamento da leitura, haja vista que mesmo sendo assuntos relacionados, podem se tratar de documentos diferentes, ou de aspectos diferentes do mesmo documento, não dependendo, portanto, de uma única seqüência argumentativa. Esse diferencial contrapõe a leitura de um texto de forma linear, isto é, na seqüência que se encontra impresso em um livro, revista, jornal, entre outros, obedecendo à seqüência das páginas, ou dos capítulos, do começo ao fim, não excluindo outras possibilidades de leitura.

Um outro desafio é a preparação de aulas e/ou produção de materiais didáticos que se articulem com outras tecnologias nas quais ambas as partes, estabelecimento de ensino e alunos, não têm acesso aos recursos em questão. Diante da análise até aqui realizada, depreende-se que essas novas modalidades de ensino e aprendizagem, hipertextos e práticas de letramento demandam novos desafios tanto para os professores quanto para os alunos. Para Freire (1996), no que diz respeito ao papel do educador, a tarefa do professor não se limita apenas ao ensino de conteúdo, mas também implica em ensinar o aluno a pensar, a ser questionador, criativo e persistente. Ainda, segundo Freire, é necessário que o professor assuma-se como sujeito da produção do saber e se convença de que ensinar é mais que transferir ao aluno o conhecimento que possui. É criar condições para que o conhecimento seja produzido ou construído. Nesse sentido, é necessário que o professor atue como um mediador no processo de ensino e aprendizagem estimulando o aluno a buscar novos conhecimentos.

Nesse raciocínio, seja em sala de aula ou em ambientes virtuais informatizados, ao assumir o papel de mediador e caminhar ao lado dos alunos, bem como ao incorporar e explorar em suas aulas as tecnologias de que dispões, é necessário que o professor não tenha medo de ousar,

experimentar, cometer erros, romper com antigos paradigmas e de reavaliar suas ações visando possíveis mudanças em sua prática pedagógica.

Conforme Hardagh,

“o grande desafio do educador é a transformação do olhar diante da prática pedagógica e procurar senti-la e trabalhá-la, aliada às novas linguagens proporcionadas pela tecnologia, como um recurso de emancipação política e social e de inserção dos alunos no mundo globalizado, não como agentes submissos, e sim como sujeitos críticos.” (HARDAGH, 2007, p. 131)

Nesse sentido, ao utilizarem a tecnologia, é necessário que os alunos não atuem apenas como receptores da mensagem proposta pelo professor, mas assumam uma postura mais ativa na própria educação, interagindo não apenas com os colegas, mas também com o professor e com os conteúdos. Assim, se bem articulado, o uso da internet apresenta-se como um aliado no processo de ensino e de aprendizagem na medida em que possibilita o trabalho colaborativo entre alunos. No presente trabalho, o termo aprendizagem colaborativa consiste na utilização de métodos educacionais nos quais os aprendizes trabalham em pares ou pequenos grupos com vistas a atingir determinados objetivos. Em linhas gerais, a colaboração se efetiva não apenas na divisão das tarefas entre os integrantes dos grupos, mas também por meio de trocas dos diferentes conhecimentos e pontos de vista proporcionados na interação. Segundo Faustini (2006), uma das vantagens do trabalho colaborativo é que ele encoraja a aprendizagem ativa e a participação reflexiva de professores e alunos no processo de aprendizagem.

Por esse enfoque, inspirando-se na afirmação de Freire (1996), segundo o qual “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, conclui-se que o processo de ensino e aprendizagem depende de ambos: educador e educando e que, portanto, toda mudança de postura que se torne necessária deve ocorrer em ambas as partes.

2- O USO DE WEBQUESTS ENQUANTO MATERIAL DIDÁTICO

No intuito de continuar apontando questões referentes à incorporação da tecnologia no sistema educacional, destaca-se, a seguir, a *WebQuest* (WQ),

entendida como uma metodologia de pesquisa na internet e que pode ser extensiva aos materiais didáticos, voltada aos usos da *Web* nos processos educacionais. Desse modo, ela tem se apresentado como um elemento facilitador no passeio pelos diferentes tipos de hipertextos, no levantamento de dados na internet e nas práticas de letramento, engajando professores e alunos em tais processos.

Em síntese, a WQ é uma metodologia de pesquisa orientada que parte da definição de um tema, que pode ser uma situação problema, e objetivos a serem alcançados durante um determinado período, ambos estabelecidos pelo professor. A *webquest* normalmente se organiza em seções didaticamente distintas, como: introdução, espaço onde o professor informa o assunto (ou tema) a ser trabalhado e motiva os alunos a participarem; tarefas, momento de orientar os alunos o que e como fazer; processo, seção onde informa a respeito do processo, o decorrer das atividades; avaliação e conclusão, momentos em que o professor informa o modo de avaliação utilizado e faz suas considerações finais, respectivamente.

Na criação de WQ é importante que a escolha do tema seja feita a partir do material em uso nas aulas com vistas a garantir que o trabalho seja de interesse dos alunos envolvendo questões com as quais eles estejam familiarizados. Inicialmente, requer do professor uma pesquisa de sítios na internet cujos *links* que serão disponibilizados bem como uma seleção de referências bibliográficas acerca do assunto, para a consulta orientada dos alunos. Além disso, é necessário que o professor elabore uma tarefa, exequível e instigante, a ser realizada pelos alunos em pares ou pequenos grupos, e que norteie a pesquisa. O cunho colaborativo justifica o uso da WQ em grupo em função das trocas que podem ocorrer por conta da natureza interativa entre os integrantes no processo e o conteúdo. Por ser uma metodologia de pesquisa na internet e em função do fato que a maioria das fontes que subsidiarão a pesquisa estarem disponíveis *online*, é importante que tanto o material inicial como os resultados sejam publicados na *web* e disponibilizados *online*.

Relatos de educadores das diferentes áreas que utilizam a WQ, os quais podem ser acessados nos sítios referenciados nesse trabalho,

argumentam as seguintes vantagens: a) essa metodologia ajuda o professor a planejar e estruturar o ensino de modo criativo; b) estimula a produção de materiais; c) serve como um ponto de partida para a pesquisa, incentivando a busca de novos conhecimentos; d) facilita ao aluno a transformação do conhecimento adquirido e o auxilia em seus estudos, nas diferentes áreas, por meio da investigação e da busca de soluções para um problema lançado; e) faz com que ele pesquise, aprenda, se aprofunde e crie interesses sem perceber, necessariamente, o quanto está se dedicando a um determinado assunto; f) favorece também um trabalho em equipe.

Cumprido ressaltar que, para o uso de WQ em sala de aula, não é necessário nenhum tipo de software específico além daqueles utilizados para navegar na rede, produzir textos, imagens e páginas, bem como não exige uma plataforma específica para a disponibilização do material. Da mesma forma, apresenta-se como um recurso flexível cuja utilização não se limita ao uso do computador, embora a atual política educacional esteja preocupada com a implantação dos laboratórios de informática nos estabelecimentos de ensino da rede pública estadual. Pode ser gravado em *pen drives* e utilizado em novos aparelhos de TV, como os que vêm sendo instalados nas salas de aula, nessa gestão. Por outro lado, nos casos em que os recursos mencionados ainda não estejam disponíveis na escola, a *WebQuest* pode ser impressa, em lâminas de retro-projeção ou em folhas de papel sulfite, para a aplicação aos alunos.

Considerando, portanto, que a inserção da tecnologia nos processos educacionais implica em um novo conceito dos papéis tanto do professor quanto do aluno, e que aliada a essas mudanças necessita-se, também, de um material didático que atende a tais demandas, o uso de *webquest* se apresenta como um material bastante produtivo já que a pesquisa na web trabalha com textos pertencentes aos mais variados gêneros discursivos, em enunciações concretas.

Assim, na seqüência, o(a) leitor(a) acompanhará uma transposição didática de uma *webquest* que produzi e apliquei em sala de aula.

Com vistas a por em prática o venho expondo neste artigo, elaborei uma webquest para o trabalho em sala de aula sob o tema “Behind the consumption and the consumerism” com o intuito de explorar conceitos como consumo e consumismo. Já de início dessa transposição didática, gostaria de antecipar ao leitor que, por questões operacionais demandadas por uma reforma no colégio, e em função disso, a necessidade de adaptação de espaços, a unidade que segue tem um caráter misto de realização com ambos, pesquisa na internet e em outras fontes. Para tal, como uma das características desse tipo de material é a pesquisa, de certo modo autônoma, na os alunos receberam reproduções de materiais. A seção introdução pretende situá-lo nas atividades a serem realizadas bem como motiva-lo na execução das atividades proposta.

INTRODUÇÃO

Caro aluno.

Nesta unidade você refletirá sobre o tema: “**Atrás do consumo e do consumismo**”. Como ponto de partida, você está convidado a ler e refletir sobre o texto que segue como forma de ativar os conhecimentos que você já tem sobre o assunto e ativar idéias novas sobre o tema.

Como você decide o que realmente é necessário em sua vida e o que seria desejável possuir? O texto está escrito numa linguagem bem acessível e as informações que ele contém nos causam grandes reflexões. Vale a pena conferir!

Já, a seção tarefas apresenta as atividades propriamente ditas e delimita o que cada grupo precisa realizar. Justifica-se a realização dos trabalhos em grupos dada as vantagens que podem acontecer entre as diferentes equipes proveniente das trocas que acontecem. A tarefa um pretendia provocar uma reflexão relacionada aos conceitos de consumo e consumismo explorando a questão da produção e o impacto causado por esse processo de produção na vida de cada um e nas questões ambientais, bem como as diferenças nos conceitos de valores e necessidade de acordo com cada um.

TAREFAS

TAREFA 1: Leia o texto a seguir e, em grupos de três ou quatro, discuta as questões que seguem. Anotem os apontamentos da discussão que julgar importantes para serem socializados com os colegas da turma.

Questões propostas:

- a- O que mais chamou sua atenção na leitura das duas tabelas? Comente a
- b- De todos os itens apresentados no texto, quais você classificaria como uma necessidade e quais seriam gastos supérfluos?
- c- Em sua opinião, o que determina o que realmente é necessário e o que seria desejável tê-lo?

TAREFA 2: Agora, cada grupo da tarefa 1 escolhe entre as atividades (perguntas) de A a D uma opção para pesquisar na internet. Escolha, entre os membros do grupo, um relator que anotará aspectos relevantes da pesquisa para socializar com os colegas da turma em momento posterior.

GRUPO A

How are the products and resources we consume actually produced?

What are the impacts of that process of production on the environment, society, on individuals?

GRUPO B

What are the impacts of certain forms of consumption on the environment, on society, on individuals?

Which actors influence our choices of consumption?

GRUPO C

What is a necessity and what is a luxury?

How do consumption habits change as societies change?

GRUPO D

Businesses and advertising are major engines in promoting the consumption of products so that they may survive. How much of what we consume is influenced by their needs versus our needs?

How do material values influence our relationships with other people?

Questões disponíveis em: <http://www.globalissues.org/TradeRelated/Consumption.asp>. Acesso em: 30 jul. 2008.

Visando auxiliar os alunos em suas pesquisas temas das questões, foram apresentados alguns sítios na internet a respeito do tema.

FONTE:

Nessa seção, seguem alguns endereços que subsidiaram a pesquisa dos alunos.

<http://www.socialstudiesforkids.com/articles/economics/wantsandneeds1.htm>

PROCESSO

A turma será dividida em grupos de três ou quatro membros. A formação dos grupos será decisão dos próprios alunos de acordo com a afinidade em trabalhar em grupos entre eles. Para a pesquisa dos temas das questões, vocês usarão os sítios da internet oferecidos.

Como avaliação da atuação e da *performance* dos alunos, foi apresentado um poema. Por questões que não vêm ao caso nesse material, segue em anexo o *link* do sítio onde o poema se encontra. A partir do poema, novas produções foram feitas pelos alunos.

AVALIAÇÃO

Como parte da avaliação, exploração do poema “**A WINDOW IS ALL I NEED**”.

Disponível em:

<http://www.msrogers.com/English2/poetry/30_days_of_poetryday_25.htm>. Acesso em: 03 ago. 2008.

Na seqüência, individualmente escolhe uma necessidade e produz seu poema a respeito do tema escolhido.

Finalmente, apresento algumas considerações com relação a aplicação do material e do processo de realização.

CONCLUSÕES

Considerando os objetivos educacionais do ensino de uma língua estrangeira, que proporcionar ao aluno a oportunidade de se expor ao uso da língua, numa enunciação concreta, este trabalho teve a pretensão de colocar

3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A natureza desse trabalho foi algo bastante gratificante, porém difícil de avaliar, se o leitor esperava alguns dados numéricos. Após todo o processo, as percepções são muito produtivas embora questões de ordem operacional tenham dificultado o desenvolvimento da pesquisa.

As dificuldades na utilização de algumas ferramentas, muitas vezes até de busca na internet, esteve bastante presente. Porém, um trabalho em equipe favorece as questões de trocas, não apenas nos conteúdos do objeto de estudo defendido neste trabalho, mas também aquelas referentes às habilidades de uso da tecnologia.

Outro fator constante foi a expansão do uso do computador até mesmo para formatar os poemas produzidos, conforme se pode observar nos anexos deste artigo de modo que é possível afirmar que o uso de *webquests* facilita o conhecimento do perfil dos educandos.

4- REFERÊNCIAS

ALVES, A.C.T.P. Ead e a formação de formadores. In: VALENTE, J.A.; ALMEIDA, E.B. (Org.) **Formação de educadores a distância e integração de mídias**. São Paulo, Avercamp, 2007.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3ª ed., São Paulo: Hucitec, 1986.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, 23 de dezembro de 1996.

_____. Câmara de Educação Básica. Parecer nº 04/98, de 29 de janeiro de 1998. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**.

Relatora Conselheira: Regina Alcântara de Assis. Diário Oficial da União, 15 de abril de 1998. Sec.1,p.31.

CORACINI, M. J. **O jogo discursivo na aula de leitura:** língua materna e língua estrangeira. Campinas: Pontes, 1995.

_____; BERTOLDO, E. S. (orgs) **O desejo da teoria e a contingência da prática:** discursos sobre e na sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

FIORIN, J.L. (orgs). **Introdução à Lingüística: objetos teóricos.** São Paulo: Contexto, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 11ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1994.

HARDAGH, C. H. O hipertexto como espaço de aprendizagem. In: VALENTE, J.A.; ALMEIDA, E.B. (Org.) **Formação de educadores a distância e integração de mídias.** São Paulo, Avercamp, 2007.

LUNA, S.V. **Planejamento de Pesquisa.** Uma introdução. Elementos para uma análise metodológica. São Paulo: EDUC, 1997.

MOITA LOPES, L.P. A nova ordem mundial, os parâmetros curriculares nacionais e o ensino de inglês no Brasil: a base intelectual para uma ação política. In: BARBARA, L.; RAMOS, R.C.G (org.). **Reflexão e ações no ensino-aprendizagem de línguas.** Campinas: Mercado de Letras, 2003.

MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. (orgs.) **Introdução a linguística 2:** domínios e fronteiras. 2 ed., São Paulo: Editora Cortez, 2004.

PARANÁ (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares para o ensino fundamental de línguas estrangeiras** (Versão preliminar). Curitiba, 2006.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2004.

VALENTE, J.A. Curso de especialização em desenvolvimento de projetos pedagógicos com o uso das novas tecnologias: descrição e fundamentos. In: VALENTE, J.A.; PRADO, M.E.B.B.; ALMEIDA, M.E.B. (Org.) **Educação a distância via internet.** São Paulo. Avercamp: 2003.